

1.º CENTENÁRIO DA ACADEMIA POLITÉCNICA
E DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DO PÔRTO

Os estudos de Antropologia
na Academia Politécnica
do Pôrto

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Catedrático na Faculdade de Ciências



PÔRTO—1937

Os estudos de Antropologia na Academia Politécnica do Pôrto

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Catedrático na Faculdade de Ciências



AC
MNCT
57
COR

OS ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA NA ACADEMIA POLITÉCNICA DO PÔRTO

(1888 — 1911)

NA Academia Politécnica do Pôrto não existiu o ensino de Antropologia como disciplina individualizada. Não deixavam, porém, noutras cadeiras, como as de Geologia e de Zoologia, de ser ministradas noções relativas à Paleontologia humana e à posição sistemática dos Homínídeos entre os Primatas. Consultando os programas dessas disciplinas, verifica-se não terem sido esquecidas, nalguns anos lectivos, estas matérias. Lendo, por exemplo, o «Anuário» da Academia de 1885-1886, nota-se a inclusão de «O homem diluviano», como um dos assuntos do programa da cadeira de Mineralogia, Geologia e Paleontologia, então interinamente regida pelo Prof. Dr. MANUEL AMÂNDIO GONÇALVES. Quem escreve a presente notícia, recorda-se perfeitamente de, na aula de Zoologia no ano lectivo de 1905-1906, o Prof. AARÃO DE LACERDA se referir com um certo desenvolvimento ao *Pithecanthropus* de Java. Do mesmo modo, em Geologia e Paleontologia, o estudo da era humana e correspondentes estratigrafia, clima, flora e fauna, não deixava de ser encarado.

Só em 1911, com a transformação da Academia em Faculdade de Ciências (com uma escola anexa de Engenharia), é que a Antropologia surgiu como uma cadeira privativa no quadro dos estudos superiores do Pôrto. Nem porisso a nova disciplina estava privada de raízes de certa importância — além das já referidas — na antiga Academia Politécnica.

* * *

Uma iniciativa de estudantes

Merece um especial relêvo a acção desenvolvida no domínio dos estudos antropológicos pelo grupo de alunos da Academia que funda-

ram em 1888 a Sociedade Carlos Ribeiro e no ano seguinte a «Revista de Ciências Naturais e Sociais», à qual em 1899 sucedia a monumental revista «Portugália».

Os estatutos daquela Sociedade, aprovados pelo Govêrno Civil do Pôrto, em 2 de Agôsto de 1888, fixavam-lhe como principal intuito «o estudo das ciências naturais e sociais, elucidando sobretudo as questões que possam interessar o espírito do país». Como meios de exercer a sua função os estatutos consignavam-lhe o dever de promover conferências públicas, fazer publicações periódicas ou avulsas, organizar museus e exposições. A Sociedade dividia-se em 4 secções, a saber: 1.^a Geologia e Paleontologia; 2.^a Zoologia e Botânica; 3.^a Antropologia e Paleoetnologia; 4.^a Etnologia. Vê-se a amplitude dada no programa à Antropologia e ciências antropológicas.

Pormenor curioso dos estatutos, que denuncia a juventude dos autores daquela iniciativa: entre as condições exigidas para se poder ser sócio não se esquecia a de «exibir autorização de seus pais ou tutores no caso de menoridade».

Os membros fundadores foram: JÚLIO DE MATOS, presidente; BASÍLIO TELES, vice-presidente; ANTÓNIO AUGUSTO DA ROCHA PEIXÔTO, secretário geral; ARTUR AUGUSTO DA FONSECA CARDOSO, tesoureiro; ALFREDO XAVIER PINHEIRO, JOÃO BAPTISTA BARREIRA e RICARDO SEVERO DA FONSECA E COSTA.

Na verdade, o psiquiatra JÚLIO DE MATOS, que em 1880 concluiu o seu curso de Medicina, e o economista BASÍLIO TELES, que depois iria chefiar o movimento patriótico do «Ultimatum» de 90, eram ambos ainda jòvens e interessavam-se directamente pelo labor dos seus companheiros, mas tinham sido solicitados por êstes, mais novos ainda, para os apoiarem na tarefa com o prestígio que os seus nomes já haviam adquirido, e com os conselhos da sua experiência um pouco mais avançada. Numa *Nótula histórica* que ROCHA PEIXÔTO deixou, sobre a Sociedade, no último volume da «Revista de Ciências Naturais e Sociais», de 1888, escreveu o ilustre etnógrafo: «Foi sempre de rapazes ou dominou, na sua acção, o espírito môço, o grémio, primitivamente de cinco, que, em julho de 1887, numas cálidas e apreensivas vésperas de atos, delineou os traços gerais duma norma provisória e regulamentadora da Sociedade que se colocava entusiasticamente sob a égide memorável e perdurável do geólogo CARLOS

RIBEIRO .. O mais velho de nós deveria ter atingido então os vinte anos».

RICARDO SEVERO, ROCHA PEIXÓTO e FONSECA CARDOSO fôram sem dúvida os mais entusiastas e activos do grupo. O primeiro matriculára-se em 1884 na Academia Politécnica, onde em 1890 concluiria o seu curso de engenheiro de Obras Públicas e em 1891 o de engenheiro de Minas. ROCHA PEIXÓTO matriculára-se em 1886, mas limitou a sua carreira escolar a algumas cadeiras (de Matemática, Física, Química, Zoologia, Botânica, Mineralogia e Desenho) da Academia. FONSECA CARDOSO seguiu o curso da arma de Infantaria, fazendo os seus estudos superiores em Lisboa. JOÃO BARREIRA formava-se na Escola Médica em 1892, apresentando uma dissertação inaugural sôbre *O delírio de negação*, mas consagrando sempre, através da sua vida de estudioso, a preferência aos temas de história e crítica de arte.

Emfim, ALFREDO XAVIER PINHEIRO não deu — que saibamos — à revista qualquer colaboração científica, embora se tivesse dedicado à etnografia e houvesse reunido numerosos elementos sôbre pelourinhos. Pintor de merecimento, falecia em 1889, apenas com 27 anos.

Em 1888 ROCHA PEIXÓTO publica, já em edição da Sociedade Carlos Ribeiro, um estudo sôbre o Museu Municipal do Pôrto, no qual fez sentir a necessidade da criação de laboratórios especiais e duma secção de antropologia anexa àquêle Museu, em cuja direcção viria afinal a ser o sucessor de EDUARDO ALLEN.

Também, em edição da Sociedade, RICARDO SEVERO publica em 1888 um estudo de 113 páginas sôbre o volume fundamental de ÉMILE CARTAILHAC *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, procurando ampliar já a sólida informação do autor com algumas contribuições pessoais, como as relativas à Cividade de Bague, e fazendo essa análise com um critério em que se esboça já o nacionalismo étnico de que viria a ser um dos mais distintos e calorosos paladinos.

Ainda em 1889, ROCHA PEIXÓTO se ocupa numa brochura editada pela Sociedade, de *As deficiências de trabalho na Academia Politécnica*.

A «Revista de Ciências Naturais e Sociais», iniciada no mesmo ano, como publicação trimestral, conta, logo nos primeiros fascículos,

com as colaborações de TEÓFILO BRAGA, SANTOS ROCHA, BASÍLIO TELES, ADOLFO COELHO, MARTINS SARMENTO, etc., tendo muitos dos artigos, como temas, assuntos de antropologia.

RICARDO SEVERO analisa o estudo de ROCHA PEIXÔTO e publica a primeira notícia científica de prèhistória das nossas colónias, *Primeiros vestígios do período neolítico na província de Angola*, ao passo que ROCHA PEIXÔTO começa estudos etnográficos (malacologia popular, tatuagem, etc.).

No volume II, LEITE DE VASCONCELOS que, no Pôrto, ainda estudante de medicina, publicara os seus primeiros trabalhos de filologia, e aqui concluiu o seu curso médico em 1886, com uma dissertação sôbre *A evolução da linguagem (Estudo antropológico)*, dá à estampa o artigo *Linguagem popular do Pôrto*, RICARDO SEVERO escreve um estudo sôbre o Museu de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Politécnica — no qual já então ROCHA PEIXÔTO era naturalista adjunto —, e JÚLIO DE MATOS analisa o *Crime et Criminel* de FERRAZ DE MACEDO, cientista que o illustre psiquiatra considera sobretudo um «observador».

No volume III da revista, em 1895, já figura também como director o Prof. WENCESLAU DE LIMA, catedrático de Mineralogia e Geologia na Politécnica, o qual se associara com entusiasmo à iniciativa daquêle grupo de gente môça. É nesse volume que sai a notícia de FONSECA CARDOSO sôbre a estação cheleana de Vale de Alcântara (Campolide), cujo espólio lítico, conservado por CARDOSO, pertence hoje ao Museu Antropológico da Faculdade de Ciências. Êste trabalho suscitou uma crítica, porventura demasiado severa, de CHOFFAT, a quem CARDOSO replicou com vivacidade.

O volume IV da revista (1898) contém, entre outros, o trabalho de FONSECA CARDOSO sôbre *O Indígena de Satary* (Índia Portuguesa) e um artigo de ROCHA PEIXÔTO sôbre a *A Antropometria no Exército*. Êste último, a propósito do trabalho clássico de RUDOLFO LIVI sôbre antropometria em Itália, proclama a «oportunidade de encetar os estudos antropológicos no país».

Quanto a *O Indígena de Satary*, recordar-se-à que também, da estada de FONSECA CARDOSO na Índia como oficial da campanha dos Ranes, resultou a aquisição por êste antropólogo de 6 crânios indús de Sanquelim e Cudnem, que hoje pertencem igualmente ao Museu Antropológico da Faculdade de Ciências e que fôram

objecto do estudo do autor destas linhas *Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa* («Anais da Fac. de Med. do Pôrto», t. III, Pôrto, 1917).

* * *

A «Portugália»

À «Revista» succedia em 1899 a «Portugália», fundada por SEVERO e PEIXÔTO, com a colaboração assídua de FONSECA CARDOSO, primeiro, e de JOSÉ FORTES, em seguida. Passára-se já da fase «heróica» do brilhante grupo de estudantes para um labor, não diremos mais calmo — porque o entusiasmo nunca faltou nessa notável falange intelectual —, mas melhor petrechado, até em recursos materiais.

A «Portugália», se honra o país, honra especialmente a cidade do Pôrto e o seu meio intelectual. Dela escreviam REINACH, CARTAILHAC e outras autoridades universalmente reconhecidas que era uma revista digna dos mais categorizados centros de cultura mundial, Paris, Roma, Londres ou Berlim.

A sua história, a fazer em monografia especial, liga-se às biografias dos seus directores e colaboradores, à história da Academia Politécnica, à da Biblioteca e Museu Municipais do Pôrto, à do Museu e Sociedade Arqueológica de Santos Rocha, da Figueira da Foz, à de outros institutos, museus, colecções particulares.

Nessa revista, que se pode considerar um dos mais grandiosos monumentos da nossa cultura, a Antropologia tem um lugar destacado. São as monografias de FONSECA CARDOSO sobre o *Minhoto de Entre Cávado e Âncora*, o *Poveiro* e a população serrana de *Castro Laboreiro*, o estudo de SEVERO e de CARDOSO sobre *O ossuário da freguesia de Ferreiró*, as notas dos mesmos autôres sobre os restos humanos de algumas necrópoles romanas ou prèhistóricas, numerosos estudos etnográficos e arqueológicos, várias análises bibliográficas de trabalhos antropológicos da época.

* * *

Trabalhos do pessoal docente e científico da Academia

A Academia Politécnica, não apenas por aquêles seus estudantes, mas já directamente pelo seu pessoal docente ou científico, antecipa-

va-se, com estudos antropológicos ou afins, à instituição, em 1911, da respectiva cátedra no Pôrto. Apenas a título de curiosidade, se regista o comentário humorístico que sob o pseudónimo de JOÃO GORILHA o professor ANTÓNIO LUÍS FERREIRA GIRÃO fez num opúsculo



ROCHA PEIXÓTO

à teoria darwinista da origem do homem e a outras teorias científicas. (*Carta ao meu amigo BORGES na qual lhe demonstro que as letras e as sciências variam como as modas, e que, segundo o último figurino, elle, eu e tu leitor descendemos dos macacos, terminando tudo por um soneto de MANUEL MATIAS — Pôrto, 1874*).

ROCHA PEIXÔTO, naturalista de Mineralogia e Geologia (adjunto desde 1894 e efectivo desde 1901) interessava a sua escola em explorações arqueológicas no «castro» de Guifões, perto da foz do Leça, concedendo o Conselho Escolar um subsídio para essas escavações, cujo espólio era repartido entre o Museu Antropológico da Faculdade de Ciências e o Museu Municipal do Pôrto.

Nos «Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto», fundados pelo Prof. Dr. GÔMES TEIXEIRA, fôram insertos os seguintes artigos de antropologia e ciências afins:

A. A. DA COSTA FERREIRA. — *Négroïdes préhistoriques en Portugal*. — In vol. II, fac. 3 dos «Anais», Coimbra, 1907.

A. A. DA ROCHA PEIXÔTO. — *Survivances du régime communautaire en Portugal*. — Vol. III, fasc. 4, Coimbra, 1908.

A. A. DA COSTA FERREIRA. — *Sur une particularité de la courbe médiane de quelques crânes portugais*. — Vol. V, fasc. 2, Coimbra, 1910.

No primeiro destes trabalhos, COSTA FERREIRA, respondendo a uma pergunta do Prof. G. HERVÉ, da Escola de Antropologia de Paris informa o antropologista francês de ter encontrado entre os crânios dos concheiros prehistóricos de MUGE um exemplar com alguns caracteres negroides. A descoberta, alguns anos antes, dos esqueletos duma velha e dum adolescente, com caracteres negroides, em níveis aurinhacenses das grutas de Grimaldi (Baoussé-Roussé, Menton), esqueletos sôbre os quais o prof. VERNEAU entendeu dever definir a «raça negroide de Grimaldi», conduzira a uma intensificação das pesquisas de negroides na prehistória europeia. É sob essa influência que HERVÉ escreveu a COSTA FERREIRA e êste deu a sua resposta, arquivada nos «Anais» da Academia Politécnica.

O assunto tem sido ulteriormente retomado por outros autores, quanto aos restos humanos mesolíticos de MUGE (V. nosso artigo de síntese *Africanos em Portugal* — «Bol. da Junta Geral do Distr. de Santarém» — Lisboa, 1936).

* * *

A transformação da Academia

Chegara o ano de 1911. O decreto de 19 de Abril, do ministro do governo provisório, dr. António José de Almeida, transforma a antiga Academia Politécnica na actual Faculdade de Ciências com

uma escola anexa de Engenharia, hoje transformada já, a seu turno, numa Faculdade autónoma.

Na nóvel Faculdade de Ciências, a Antropologia surge como uma das cadeiras da secção de ciências histórico-naturais e são, pelo diploma referido, criados um museu e um laboratório antropológicos e um pôsto de antropologia criminal. Embora se tivesse efectuado na Faculdade nalguns anos lectivos o ensino livre desta última matéria e se tivesse procedido a estudos nêsse âmbito científico, a verdade é que êstes postos nunca fôram creados efectivamente nas Faculdades de Ciências, existindo porém, no Pôrto, há muito, como dependência do Ministério da Justiça, uma Repartição de Antropologia Criminal e constituindo êste ramo científico uma das disciplinas do curso dos médicos-legistas.

A cadeira de Antropologia começou a funcionar na Faculdade em 1912 e, simultâneamente, os novos Museu e Laboratório Antropológicos, que, mais tarde, por decreto n.º 9344, de 29 de Dezembro de 1923, e por portaria de 21 de Janeiro de 1931, fôram considerados um Instituto de Investigação Científica.

O Museu e o Laboratório fôram instalados em pequenas salas existentes no ângulo SE. do edificio da Faculdade, no último andar, quatro escassos gabinetes que eram dependências da habitação primitivamente destinada ao guarda-mór da Academia. Aí se amontoaram durante anos os materiais reunidos e se trabalhou nas peores condições possíveis de instalação. Os membros do Congresso Internacional de Antropologia de 1930 ainda encontraram essa situação que felizmente se modificou, a partir de princípios de 1935, com a passagem do Instituto e respectivos Museu e Laboratório para as actuais dependências do andar térreo e do entre-solo do edificio que ocupam.

Apesar de tôdas as dificuldades, a actividade científica do novo centro de estudo não esmoreceu nunca. É que sôbre êle pairava o exemplo tutelar dos homens da «Portugália» que, em 1909, terminara com a retirada de RICARDO SEVERO para o Brasil. ROCHA PEIXOTO e FONSECA CARDOSO tinham morrido, mas JOSÉ FORTES ainda algumas vezes subira as escadas dos modestos cubículos da antiga instalação do Gabinete de Antropologia para levar a quem nêle trabalhava o seu ensinamento e o seu conselho.

Sua família confiou ao Instituto o espólio metálico e vítreo das explorações da *Cividade de Terroso*, como tal identificado pelo saúdoso

colaborador do Instituto e assistente da Faculdade, dr. RUI de SERPA PINTO, que sôbre êsses e outros materiais escreveu os trabalhos: *Cidade de Terroso (Póvoa do Varzim)* («Trabalhos da Soc. Port. Antr. e Etnol.», fasc. IV do vol. III, Pôrto, 1928) e *A Cidade de Terroso e os castros do Norte de Portugal* («Revista de Guimarães», fasc. 1-2 do vol. XLII, Famalicão, 1932).

E, mais recentemente, RICARDO SEVERO, nas visitas que ainda fêz a Portugal, não esqueceu o Instituto de Antropologia em cuja biblioteca se encontram depositados, sob o seu retrato, as colecções de revistas que haviam pertencido à «Portugália» e que êle oferecera à Sociedade de Antropologia, como a família de FONSECA CARDOSO oferecera ao Instituto, após a morte, em Timor, do fundador da Antropologia Colonial Portuguesa, o espólio científico dêste.

No dito espólio figuravam, ainda inéditos e por coordenar, os importantes registos de numerosas observações antropológicas em Angola, Timor e Pôrto, que serviram de base a trabalhos subsequentemente elaborados no Instituto (MENDES CORRÊA — *Antropologia angolense — Quiocos, Luímbes, Luenas e Lutchaxes* — «Arquivo de Anat. e Antropol.», Lisboa, 1916; *Timorenses de Okussi e Ambeno* — «Anais da Acad. Politéc. do Pôrto», Coimbra, 1916; *Antropologia timorense* — «Revista dos Liceus», Pôrto, 1916; *Antropologia angolense — II — Bi-n'bundo, Andulos e Ambuelas - Mambundas* — «Arq. de Anat. e Antr.», Lisboa, 1918). A Sociedade de Antropologia editou como fasc. I dos seus «Trabalhos» (Pôrto, 1919), uma série de notas etnográficas inéditas recolhidas em Angola, que foi publicada sob a epígrafe de *Em terras de Moxico*. Os elementos relativos à antropologia de soldados do Douro Litoral foram, em parte, utilizados pelo autor destas linhas num capítulo do seu livro *Homo* (2.^a ed., Coimbra, 1926), capítulo que, sob a epígrafe *As condições físicas na formação das raças*, fôra primeiro inserido nos «Anais da Fac. de Ciências» (Pôrto, 1919).

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que funciona no Instituto, foi fundada em 1918, tendo já realizado 90 reuniões científicas e publicado 8 volumes de *Trabalhos*. Colaboraram na sua fundação os Profs. LUÍS VIEGAS, que instituiu e dirigiu o antigo Pôsto Antropométrico junto da Cadeia Civil do Pôrto, e AARÃO FERREIRA de LACERDA, que ainda pertenceu ao côrpo docente da antiga Academia Politécnica do Pôrto. Também fizeram parte da Sociedade RICARDO

SEVERO e JOSÉ FORTES, tendo a Sociedade consagrado à memória de tão ilustres consócios merecidas homenagens

Em colaboração fecunda e leal com o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, da direcção do ilustre prof. JOAQUIM A. PIRES DE LIMA, o Instituto e a Sociedade de Antropologia tiveram uma acção importante na organização e funcionamento do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-Histórica e IV sessão do Instituto Internacional de Antropologia, que efectuaram parte das suas sessões em 1930 no Pôrto, e do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado em 1934 nesta cidade por ocasião da Exposição Colonial Portuguesa, como em congressos realizados no estrangeiro.

Algumas dissertações finais do curso médico sôbre assuntos antropológicos fôram realizadas, total ou parcialmente, no Instituto ou sob a orientação dêste. Os « Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto », que constituíram a continuação dos antigos « Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto », contem grande número de artigos e memórias de pessoal e colaboradores do Instituto sôbre assuntos de Antropologia, como muitas outras revistas nacionais estrangeiras e as actas dos Congressos referidos e doutros Congressos.

Embora se deva considerar a actividade desenvolvida na Faculdade após 1911, em matéria de Antropologia, como um prolongamento da do núcleo científico e intelectual da Sociedade CARLOS RIBEIRO e da antiga Academia no mesmo domínio, limitamo-nos, no que respeita ao período posterior a 1911, a registar, nesta breve notícia histórica, que o labor realizado pelo pessoal e colaboradores do Instituto se traduziu não só na organização dum laboratório antropológico (em que não foram esquecidos os metodos de identificação, a hematologia étnica, a pesquisa do metabolismo basal, a psicologia experimental, etc.), e dum museu (em que há secções de antropologia física, paleoetnologia e etnografia gerais e portuguesas metropolitanas e coloniais), como na efectivação de pesquisas, inquéritos, explorações, conferências e missões científicas no país, no estrangeiro e nas colónias, tarefa referente aos mais variados e oportunos problemas antropológicos e da qual dão a medida e os pormenores cerca de 400 publicações em livros, artigos, memórias, comunicações, etc.

Procurou-se dêste modo manter acêsa a chama sagrada que haviam ateado os precusores sob cujo glorioso patronato científico e intelectual se colocou a escola antropológica portuense.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329657534

